

A retirada (XXIII)

Depois do trauma de Itaipava, enfim eu e Dona Zilá (minha sogra) aproximávamo-nos do aconchego de nosso apê da Barata Ribeiro.

Como um dia faz diferença numa pandemia! Ontem pela manhã, quando saímos para a rodoviária, Copacabana, perto do habitual frenesi do vai-e-vem das grandes multidões, parecia um tour pelo deserto de Atacama. Mas, hoje, parecia o Sírio de Nazaré. Perguntei à sogra se ela sabia o que estava acontecendo. Ela foi seca: *“Você não olha a Internet... É isso que dá! O Crivella mandou abrir geral!!!”* Pensei com meus botões: acabou a pandemia!

Até lembrei daquele pastor neo pentecostal que eu não lembro do nome - um dos centenas de milhares que existem hoje no Brasil - que botou a mão na cabeça do Bolsonaro ajoelhado, na frente do Palácio do Alvorada, e sentenciou: *“Sai do Brasil, Coronavírus, você está expulso!!”* Estávamos em março com duas mortes. Hoje temos 90 mil mortes, mas enfim a profecia parece que está se confirmando... Pelo que vejo da Barata Ribeiro, a pandemia acabou...

Feliz com a notícia, pegamos o elevador. Eu e Dona Zilá. Meu coração pulsava acelerado como nos tempos do Rivadávia Correia ... o primeiro beijo ... a descoberta da língua cosquentinha ... a revelação da primeira dor no peito ... *“Vai ficar aí parado?”*, a sogra me deu um tranco.

Louco para tomar Marli (minha mulher) em meus braços e beijar Calissa (minha filha) e, enfim, gritar a plenos pulmões: ACABOU a PANDEMIA!!, entrei no apartamento chamando AMOÔOR. O silêncio sepulcral, maior que o de Bérnago, onde só se ouviam os rangeres dos caminhões do exército italiano carregando cadáveres no auge da pandemia, gelou a minha língua cosquentinha do passado. Até Dona Zilá espantou-se: *“Domi, o que é isso?”*

A casa vazia guardava as imagens dos passos que até ontem, antes de levar a sogra na rodoviária, enchiam a casa pandêmica - exemplo cidadão do confinamento social - de solidariedade, alteridade, humanidade compartilhada, divisão de tarefas, papel higiênico economizado de comum acordo, sorrisos tímidos mas cúmplices... uma lágrima me acometeu o rego nasal. Falei com a voz embargada: *“Dona Zilá, acho que elas foram embora.”*

Uma coisa que sempre apreciei em minha sogra foi sua determinação e capacidade decisória. Ela não pestanejou: *“Vamos pra casa do Marcelo, na Rua Belfort Roxo, buscar as sirigaitas...”* Perguntei: *“Marcelo?”*

A sogra sempre peremptória: *“Porra, vai ficar aí fazendo pergunta besta? É isso mesmo, Marcelo, o recenseador do IBGE da pandemia. E sua filha deve estar lá com aquele tatuador maluco que é amigo do Marcelo. Vam’bora logo. Ou vai ficar aí fazendo papel de corno manso?”* Confesso que sofri por ter sido poupado pelo Covid-19. ●●●